

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

The Roman presence in the Nisa County

Joana Valdez-Tullett, João Nisa & Filipa Pinto



Vila Velha de Ródão, 2012

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

The Roman presence in the Nisa county

Joana Valdez-Tullet¹, João Nisa² & Filipa Pinto³

Palavras-chave

Nisa, período romano, povoamento.

Key words

Nisa, roman period, settlement.

1 Arqueóloga. Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutoranda em Arqueologia na Universidade de Southampton (Inglaterra). Investigadora do CEAUCP-CAM. (joanavaldez@gmail.com).

2 Arqueólogo. Licenciado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (joao_nisa@hotmail.com).

3 Arqueóloga. Licenciada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (filipapinto15@gmail.com)

Resumo

Durante o ano de 2008 foi conduzida uma campanha de prospecção no concelho de Nisa, no sentido de complementar a revisão do Plano Director Municipal (PDM) já anteriormente iniciado, numa primeira fase, por uma equipa da Universidade de Évora.

Foi então possível confirmar o grande potencial arqueológico que o território apresenta, com a identificação de mais de 300 ocorrências de valor patrimonial, que foram acrescentadas a um número semelhante já registado na primeira fase. Não obstante, foi também possível compreender que esta região do país foi alvo de uma importante e densa ocupação durante o período romano, sendo que a leve utilização do solo permitiu a preservação de muitos sítios arqueológicos, que se considera serem importantes e cruciais na investigação e entendimento do povoamento romano da região.

Abstract

During 2008 a survey campaign was conducted in Nisa, in order to comple-

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

ment the revision of the *Plano Director Municipal* (PDM) that was initiated in a first phase by a team of the University of Évora. It was possible to confirm the great archaeological potential of the territory, with the identification of over 300 new sites that are to be added to the 300 sites recorded during the first phase.

The non-intensive exploitation of the soil has allowed the preservation of several archaeological sites that are believed to be very important and crucial to the research and study of Roman settlement. They allow us to develop an understanding of how important this region was during the Roman period.

Introdução

Durante o ano de 2008 foi levada a cabo uma campanha de trabalhos de prospecção, integrados na 2ª fase da Carta Arqueológica de Nisa, promovida pela Câmara Municipal do referido concelho. Estes trabalhos enquadraram-se na revisão do Plano Director Municipal (PDM), sendo que uma primeira fase tinha já decorrido, a cargo de uma equipa da Universidade de Évora.

Os resultados gerais desta campanha, que aguardam publicação (Valdez *et al.*, no prelo), permitiram constatar a existência de um grande número de

sítios arqueológicos existentes no território, que recuam a períodos como o Paleolítico e se estendem até à contemporaneidade. A boa preservação destes sítios prende-se directamente com o tipo de uso do solo praticado na região do Alentejo, relativamente contido e grosso modo remetido para a pastorícia, provocando pouca perturbação no solo e desta forma promovendo a relativa conservação dos vestígios arqueológicos. De facto, de uma forma geral a região do Alentejo não terá ainda sido afectada por um desenvolvimento desmesurado nem exploração agrícola intensiva, facto que terá contribuído para a preservação de muitos sítios que têm vindo a ser descobertos recentemente, sobretudo devido à construção de infra-estruturas relacionadas com a barragem do Alqueva.

Conforme referido anteriormente, o objectivo primordial desta campanha de prospecção seria a conclusão dos trabalhos arqueológicos iniciados em fase prévia pela Universidade de Évora, mas que desta feita seriam especificamente direccionados para as freguesias de Espírito Santo, Nossa Senhora da Graça e Tolosa, até então pouco ou nada contempladas nos estudos para a revisão do PDM.

Embora os resultados da 2ª fase de prospecção sejam inúmeros, remetendo para tipologias e cronologias variadas, no presente artigo pretende apenas considerar-se as ocorrências relativas à ocupação romana do território. Para

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

este período foram inventariados vários sítios de tipologias diferentes, que ajudam a traçar um quadro caracterizador da presença romana no território. No presente trabalho será ainda feita uma breve referência à história da investigação arqueológica no concelho de Nisa que, desde os alvares da Arqueologia portuguesa, suscitou o interesse de investigadores e curiosos. Serão ainda brevemente analisados alguns dos sítios mais emblemáticos que foram registados durante os trabalhos de prospeção situados em particular nas freguesias de Alpalhão e Espírito Santo, que permitem desde logo constatar que a presença romana no território abrangido por este estudo tem um espectro cronológico bastante longo, pelo menos desde o séc. I ao séc. V. d.C.

Note-se que para além da caracterização dos sítios ao longo do presente estudo foram também observados vários materiais que, em muitos casos, se encontram em colecções particulares e que, embora descontextualizados podem fornecer dados concretos e importantes sobre todo o período Romano mas também sobre a transição deste para a Alta Idade Média.

1. Enquadramento geomorfológico

O concelho de Nisa situa-se na região do Alto Alentejo, sendo composto por

dez freguesias: Alpalhão, Amieira do Tejo, Arez, Espírito Santo, Montalvão, Nossa Senhora da Graça, Santana, São Matias, São Simão e Tolosa. Faz fronteira para Norte com Vila Velha de Ródão da qual se separa através do rio Tejo. Para Oeste confronta com Mação e Gavião, para Sul com o Crato e Castelo de Vide e para Este encontra-se já com Espanha.

Nisa enquadra-se num território composto essencialmente, em termos geológicos, por granitos que têm uma extensa zona de contacto com xisto, partilhando com o rio Tejo uma extensa margem de longos quilómetros. O Tejo encaixa-se num vale profundo, confinado por margens xistosas, excepto na freguesia de Amieira do Tejo, onde ocorrem granitos em grande extensão, e à semelhança dos seus afluentes, também caracterizados pelos seus vales profundos e escarpados – Rio Sever, Ribeira de Fivenco, Ribeira de Nisa (Ribeiro *et al.*, 1965).

Para Norte do concelho sobressai a imponente crista quartzítica da Serra das Talhadas cujo prolongamento para Sul do Tejo toma o nome de Serra de São Miguel, onde se situa o ponto mais elevado do concelho de Nisa atingindo uma cota máxima de 460 metros de altitude.

Os xistos da região apresentam geralmente colorações negras ou acinzentadas, quando frescos, e matrizes de cariz argiloso, sendo por vezes

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

micáceos e frequentemente alterados. Os grauvaques desenvolvem-se particularmente entre Fratel e a Ribeira de Nisa e o complexo xistento é acompanhado por numerosos filões quartzosos. O quartzo apresenta-se quase sempre fracturado e com extinção ondulante (Ribeiro *et al.*, 1965).

A orla de contacto entre os xistos e o maciço granítico de Nisa é brusco e origina uma faixa de metamorfismo com xistos mosqueados, geralmente de granularidade fina, cuja largura não ultrapassa o quilómetro. A paisagem da zona granítica exhibe os típicos caos de blocos, sobressaindo alguns exemplares de penedos pedunculados (Ribeiro *et al.*, 1965) pertencendo ao grande afloramento de granito porfiróide do Norte Alentejano, de grão muito grosseiro com duas micas, predominantemente biotítico. Verificam-se algumas variações onde a rocha é menos grosseira, sendo que na zona de contacto com os xistos se observam pequenas manchas de granito de grão fino a médio, não porfiróide.

São frequentes os minerais secundários tais como caulinite, sericite, clorite, rútilo, acicular, esfena, pirite, óxidos e hidróxidos de ferro, etc. (Ribeiro *et al.*, 1965).

As condições geológicas da região conduziram à exploração, ao longo do tempo, de vários recursos minerais, que se traduzem pela implementação de

pedreiras e explorações minerais, constituídas principalmente por depósitos aluvionares auríferos, filões de barite e galena, mas também fosforitos e volframite, merecendo especial destaque a mineralização de urânio (Ribeiro *et al.*, 1965).

2. O povoamento romano de Nisa na bibliografia

“Oxalá que todas as cidades, Villas e povoados possuíssem uma história assim, e que esta Memória passe aos vindouros de muitos séculos além...” (Motta e Moura, 1982).

É nas *Memórias Paroquiais* de 1758 que se encontram as primeiras referências à ocupação romana de Nisa, através da descrição de alguns materiais deste período encontrados no concelho. Pedro de Azevedo (1900) publica o extracto em que se refere que “*ao poente desta Villa em huma tapada se achou há annos hum tumulo com seu amparo de parede em roda sobre o qual estava huma pedra de cantaria fina, e nella o Epitaphio com as letras que abaixo vão; hoje, porem, se acha a ditta Campa posta por escarçam de huma janela em hum caza que o senhorio da ditta tapada mandou fazer junto do ditto tumulo, que fica distante dos muros desta villa para o Poente hum bom tiro de balla, e para porem a ditta pedra no lugar referido lhe abrirão hum buraco, com cuja abertura cortarão as lettras que se prezume dirião o*

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

Imperador, que então reynara” (1900:350). A inscrição, hoje desaparecida, remete para o epitáfio de Máximo, filho de Talabaro (Encarnação, 1988:7).

São ainda referidos dois sítios que se presume terem sido alvo de trabalhos de exploração mineira em época romana, embora os dados científicos sobre o assunto sejam ainda poucos⁴: o Poço da Lança e o Conhal. Quanto a este último relata ainda o pároco local: *“Há também no fundo da mesma serra junto do lugar em que sahe a referencia agoa mas já em campo razo, hum sitio a que os naturais chamão Conhal dito assim, por haver nelle, quazi immensos montes de seyxo ou pedras a que elles chamão conhos e está quazi junto ao Tejo. He tradição constante ser este citio mineral de ouro no tempo que os Carthaginezes e os Românos rezidião neste Paiz e se faz digna de credito esta tradição por se devizar ahinda hoje em distancia mais de huma legoa, huma custoza levada que principia na ribeyra de Niza e dali vay em direytura ao sobredito Conhal, pella qual dizem se levava agoa pêra as dittas minas: hoje porem não pode hir a agoa pella ditto levada, por estar já muito entulhada”* (Azevedo, 1900:352).

Quanto ao Poço da Lança este situa-se na freguesia de Espírito Santo e no local pode observar-se um conjunto de dois poços murados, com cerca de 15 metros de diâmetro onde abundam fragmentos de quartzo à superfície,

⁴ Sobre este assunto ver Deprez *et al.*, 2008.

que provavelmente se tratam de resquícios da exploração mineira que aqui terá tido lugar. Já o Conhal do Arneiro, mencionado na transcrição anterior, é uma conhecida área arqueológica com cerca de 90 hectares. Situa-se na freguesia de Santana e é delimitada pelo ribeiro do Vale (que lhe dá o nome), pela margem esquerda do Tejo e pelas Portas de Ródão (Serra das Talhadas, aqui chamada Serra de S. Miguel). Aqui encontram-se diversos vestígios indicadores de actividade mineira de exploração de jazigos secundários de ouro em terraços fluviais, que terão tido lugar em particular durante o período romano mas que poderão ter continuado, ainda que em menor escala, em períodos subsequentes. *Ruina Montium* é a designação da técnica utilizada na extracção mineira deste local, que consiste na exploração de formações sedimentares através de técnicas hidráulicas. Neste caso específico, a água seria transportada através de uma rede de canais (*corrugi*) escavados nas encostas a partir da Ribeira de Nisa até uma série de depósitos (*piscinae ou stagna*) localizados a montante das áreas a desmontar, sendo também depois utilizada para a lavagem dos sedimentos e para a evacuação dos estéreis. Os grandes montes cónicos compostos por calhaus rolados – conhos – que terão sido manualmente retirados dos canais de lavagem (*agogae*) e posteriormente depositados, são actualmente o melhor indicador do tipo de sítio e ocupação que se terá

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

dado neste local (Carvalho *et al.*, 2001).

Ainda no seu artigo, Pedro de Azevedo (1900) refere também o sítio da Senhora da Graça, sempre identificado como Nisa-a-Velha, como sendo o local onde “*estão ahinda hoje vestígios de muytos edificios: como são: O castello, que a ditta villa tinha, cujo está em hum outeyro muy alto, principalmente para as partes do Nascente, e Norte, de cujas era invencível. No mesmo citio se tem achado muitos dinheyros do tempo dos Romanos; e alguns se conservão ahinda hoje nesta Villa*” (1900:350). De facto, vários são os autores que atribuem a existência de uma “Nisa Velha” a este local (e.g. Cebola, 2005; Motta e Moura, 1982), referindo-o como um povoado indígena que mais tarde teria caído nas mãos dos invasores romanos. A ocupação romana, porém, parece ser atestada através do surgimento de alguns vestígios mencionados na bibliografia, tais como fustes de colunas, aras, tijolos e lateres (Murta, 1997). Não obstante, os relatórios (Oliveira e Murta, 1995) das intervenções arqueológicas aqui realizadas parecem não ser concludentes no que respeita a esta ocupação, não sendo referidos os achados a quaisquer estruturas ou até materiais de período romano, à excepção de alguns *fragmentos de tegulae*. O local terá sido novamente intervencionado entre 1996 e 1998, desconhecendo-se, contudo, os resul-

tados dos trabalhos aí efectuados à data⁵.

Todavia a importância do local é clara, atestada também pela existência de uma ponte próxima, de cronologia medieval, mas que apresenta um aparelho de embasamento que remonta ao período romano, bem como alguns visíveis vestígios de troços de calçada (Carneiro, 2008:92). É também no topo desta colina que se situa actualmente a Capela da Senhora da Graça, ainda hoje um importante centro de romaria, atestando a continuidade de ocupação do local e a importância que terá tido para as populações da região ao longo do tempo. A relevância deste local deverá então ter sido perpetuada através da construção de edifícios religiosos, transparecendo a sua índole sagrada. Importa ainda referir que no sopé desta elevação foi construída a Ermida dos Prazeres que reutiliza, na sua estrutura, uma ara romana dedicada à divindade indígena *Quangeio*.

Será no entanto necessário referir que o registo epigráfico em Nisa é relativamente abundante, já que se conhecem vários exemplares de inscrições de período romano. De facto, em 1931 José Leite de Vasconcellos, de

⁵ Segundo informação oral de André Carneiro, os relatórios encontram-se na Câmara Municipal de Nisa, ainda que ao longo deste trabalho não tenhamos tido acesso aos documentos. O mesmo investigador refere ainda que nestes relatórios se encontram uma interessante referência a identificação de uma estrutura de silhares de granito que tanto pode corresponder ao santuário que ali existiu (a *Quangeius Tangus*) como à fortificação que originou a disputa no século XII ou XIV.

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

passagem pela região, regista alguns achados na Tapada do Pai Anes referindo “(...) a ara a que há pouco me referi⁶; o anverso de uma lucerna (candeia), de barro, no qual se vê a figura de Mercúrio; muitos lateres (tijolos), fragmentos de dolios (potes); uma asa de ânfora; dois fustes de coluna, graníticos; pedaços de opus signinum (formigão), e de ímbrices (telha curva)”.

Para além desta referência, o registo bibliográfico bem como a base de dados nacional para o património arqueológico dá-nos conta de uma série de outras ocorrências que se espriam por todo o território do município atestando a forte presença romana por toda a região. Refira-se então o sítio da Fonte da Feia, na freguesia de Montalvão, de onde são provenientes três aras, duas das quais com referência epigráfica à divindade “Júpiter Repulsor”. Perante as evidências José d’Encarnação coloca a hipótese de aqui ter existido um santuário dedicado a esta divindade, alertando para a importância do local e afirmando que “*mais epígrafes se poderão encontrar quando se proceder a cuidadosa e sistemática exploração arqueológica do sítio. No entanto, pode desde já afirmar-se que a circunstância de terem sido identificados quatro monumentos é indício de que o deus era alvo, na região, de um arraigado culto*” (1988:20).

⁶ Ara votiva consagrada por Públio Carmínio Macro (Encarnação, 1984 e 1988).

Ainda no domínio da Epigrafia, que já mereceu cuidado estudo em local apropriado (Encarnação, 1984 e 1988), conhece-se ainda a ara dedicada a *Quangeius Tanguus* (Henriques e Caninas, 1981), o epitáfio a *Duatius* (Encarnação, 1984), a ara dedicada por *Camira* (Carvalho, 1987), a ara de *Priscus* (Carvalho, 1987:2), a já referida ara incorporada na Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres (Carvalho, 1987:3), o epitáfio a *Tongeta* (Amaral, 1987), a ara anepígrafa da Tapada da Fonte do Negro em Albarrol (Amieira do Tejo) (Murta, 1987), a ara da Falagueira que foi retirada da parede de uma habitação e onde se lêem algumas letras, embora a leitura integral da inscrição esteja truncada (Murta, 1987) e a ara anepígrafa da Tapada do Severino (Murta, 1987). Nas imediações de algumas destas aras foram ainda identificados materiais à superfície, como no caso da Tapada do Severino, onde se observaram, para além dos habituais fragmentos cerâmicos, uma base de coluna, um capitel, mós manuais e uma moeda romana (Murta, 1987).

Mas nem só de epigrafia se faz o registo arqueológico que remonta à ocupação romana do território que é hoje o concelho de Nisa, conhecendo-se outros sítios identificados maioritariamente pelos materiais que surgem à superfície. Assim, em 1930 Manuel Paiva Pessoa faz referência, no jornal albicastrense “Terras da Beira”, a duas peças de cerâmica comum de

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

cronologia romana, encontradas numa sepultura “*pequena e com paredes de pedra de schisto*” situada na Tapada da Dona Mariana. Trata-se de uma bilha de pasta fina, cor rosada e desengordurantes micáceos que apresenta ainda vestígios de engobe, bem como uma garrafa de cor bege, desengordurantes micáceos e engobe alaranjado que, segundo um estudo efectuado, deverão remontar ao séc. I – III d.C. (Carvalho e Salgado, 1987).

Para além dos sítios já registados nas referências bibliográficas e dos que foram identificados durante as prospecções de 1ª Fase da Carta Arqueológica de Nisa, também durante a campanha a que se refere o presente artigo foram registados vários locais com ocupação romana evidente ou indícios de que poderão ter sido ocupados durante o período em causa.

3. O contributo da 2ª fase da carta arqueológica para o conhecimento do povoamento romano de Nisa

Uma vez apresentados alguns dos dados referentes aos vestígios arqueológicos do período romano em Nisa, é possível compreender que o território que actualmente compõe o concelho fora, em época romana, alvo de intenso povoamento. Este é visível nos achados que se têm vindo a identificar até então e que passam pelas várias aras que remetem para

o mundo do sagrado, ritual e simbólico, dedicadas a deuses romanos mas também indígenas, demonstrativo de sincretismo religioso. Por outro lado, os vestígios de superfície e os artefactos que parecem pertencer a necrópoles (e.g. Tapada da D. Mariana) são também evidência da permanência romana no território.

Durante os trabalhos de prospecção integrados na 2ª fase da Carta Arqueológica do concelho de Nisa vários foram os sítios de cronologia romana identificados (Figura 1), comprovando a densidade do povoamento já suspeitada, através de vestígios que foram sendo descobertos ao longo do tempo.

Convém, no entanto, lembrar que os trabalhos de campo efectuados durante esta campanha de prospecção foram inicialmente direccionados apenas para três freguesias do concelho – Espírito Santo, Nossa Senhora da Graça e Tolosa. Não obstante outras freguesias já prospectadas pela equipa da 1ª fase de trabalhos foram também visadas, uma vez que algumas informações orais obtidas no decurso dos trabalhos nos levaram a prospectar outras áreas que não estavam inicialmente previstas nos objectivos iniciais.

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

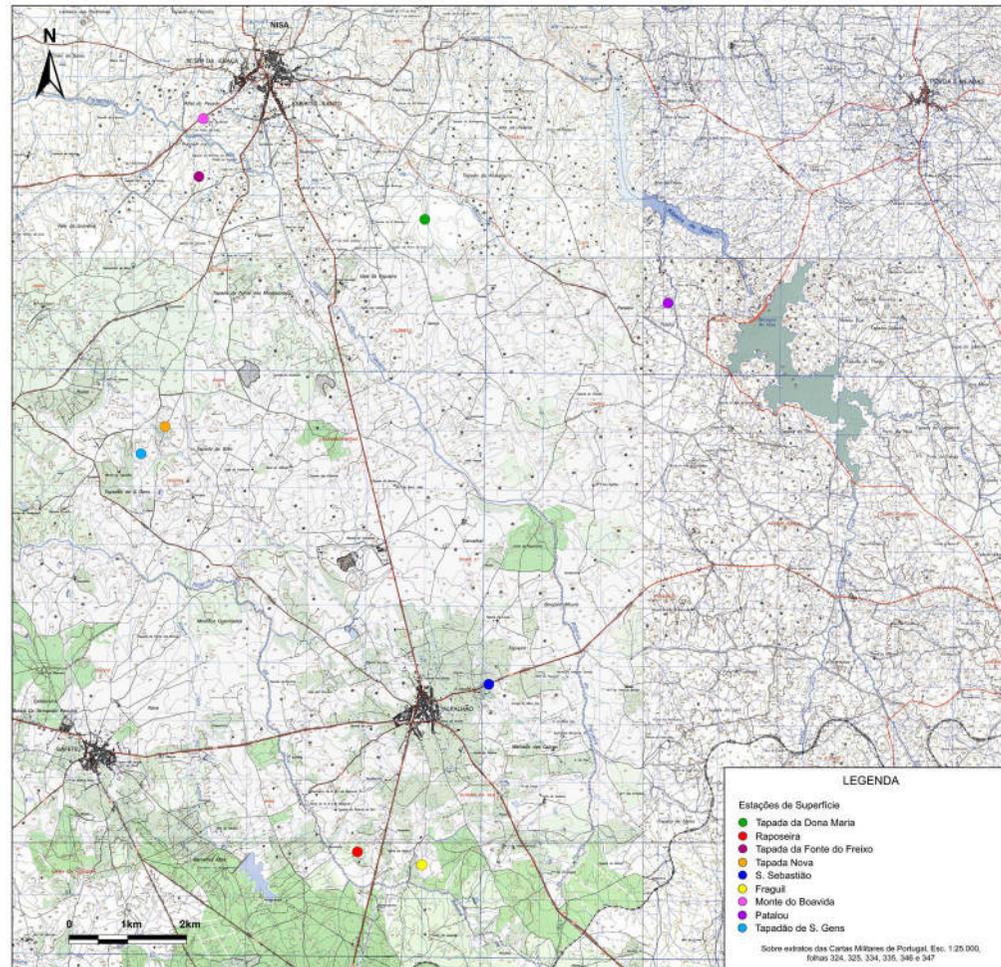


Figura 1. Localização dos sítios arqueológicos romanos citados no texto (extracto da Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000).

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

Começamos então o périplo pela freguesia de Alpalhão, onde se conhecem vários sítios arqueológicos de ocupação romana. De uma forma geral, todas as ocorrências inventariadas apresentam características bem demarcadas e os sítios parecem encontrar-se relativamente bem conservados. Por vezes os vestígios à superfície são muito evidentes de ocupações passadas. Referimos desde logo a Estação de Superfície da Raposeira, situada numa pequena elevação próxima de um curso de água em cujo topo se implanta uma plataforma que deverá ter sido o principal foco de ocupação. Apresenta uma grande dispersão de materiais cerâmicos, tanto de construção (*tegulae* e *imbrices*) como de uso doméstico, sendo que a maioria se concentra na base da elevação, para onde se terão deslocado provavelmente através de acções de escorrimento. Ainda neste terreno observa-se, semi-enterrado, um peso de lagar em granito, do qual apenas se identifica a parte superior. Relativamente a este sítio deverá ainda mencionar-se um pontão (Figura 2) de construção provavelmente medieval ou moderna, situado sobre a linha de água que confronta com o terreno, mas que na sua constituição apresenta pelo menos um silhar de pedra almofadada, típico de construções de época romana.

Também em Alpalhão, próximo do cemitério da vila, situa-se a designada Estação de Superfície de S. Sebastião. Trata-se de um sítio de menor



Figura 2. Pontão da Raposeira com silhares almofadados.

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

expressão arqueológica do que o anteriormente mencionado, mas onde se observam, à superfície, vários vestígios de materiais cerâmicos nomeadamente de construção, embora também de uso doméstico. As pastas destes fragmentos são maioritariamente de colorações alaranjadas e com desengordurantes micáceos. O terreno onde se observa esta dispersão de materiais é pouco acidentado mas apresenta várias pequenas elevações e depressões que denunciam a actividade antrópica que aqui teve lugar e que se terá prolongado no tempo. Para além dos vestígios materiais dispersos à superfície também neste terreno se identificaram duas sepulturas escavadas na rocha de perfil antropomórfico, de período medieval.

A Estação de Superfície do Fraguil (Figuras 3 e 4) é um dos mais espectaculares sítios por nós identificado, dada a sua dimensão e as condições de preservação dos vestígios, e que se situa na freguesia de Alpalhão. Numa área nunca inferior a 5000 m² dispersam-se milhares de fragmentos de várias naturezas, observando-se ainda dois amontoados de materiais, formados pelos proprietários do terreno, durante os trabalhos agrícolas. A tipologia dos materiais é variada, encontrando-se desde fragmentos de mármore, cerâmica de construção (*imbrices*, *tegulae*, *latteres*), cerâmica de uso doméstico de produção fina e comum, incluindo *terra sigillata* e *ânforas*.



Figura 3. Vista da estação de superfície do Fraguil.



Figura 4. Outra vista da estação de superfície do Fraguil.

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

No mesmo sítio é ainda visível parte de uma estrutura bem aparelhada que conta, na sua construção, com blocos de granito. Segundo informação oral deste terreno terão sido recolhidos ainda alguns pesos de tear, bem como um capitel em granito. É notório o bom estado de conservação dos vestígios, que merecem uma investigação mais profunda, agora que se conhece a localização do sítio e a importância dos vestígios.

Seguindo para a freguesia de Espírito Santo, continuam a identificar-se alguns sítios arqueológicos de ocupação romana. Mais uma vez é evidente a importância que este território teve durante este período de ocupação, sendo que os vestígios conhecidos até à data são numerosos. Parece-nos portanto provável que o número continue a aumentar conforme se dêem seguimento a projectos de investigação direccionados.

À entrada da vila de Nisa, onde actualmente se encontra implantada uma habitação, foi identificado o sítio de Santo António. Segundo informação oral terá sido neste local que, há vinte anos, e durante a construção da estrutura habitacional que agora ali se encontra, foi identificado um depósito de lucernas. Alguns destes artefactos já se encontrariam fracturados. Actualmente desconhece-se o paradeiro deste espólio ou, inclusivamente, se ainda existe. Não se exclui a hipótese de se tratar de um depósito votivo, à semelhança do depósito de Santa Bárbara conhecido para Castro Verde

(Maia e Maia, 1997). Contudo, a total inexistência de dados mais concretos permite apenas a formulação de uma hipótese, de carácter meramente especulativo.

Já fora do perímetro urbano da vila de Nisa, no Monte da Francisquinha observam-se também alguns elementos e características que supõem uma ocupação romana no local. Para além das evidências, esta ocorrência situa-se próximo do sítio de Mosteiros, na freguesia de Póvoa e Meadas (concelho de Castelo de Vide), onde se observam à superfície fragmentos de cerâmica comum e de construção, entre outros vestígios que revelam a importância do local. No Monte da Francisquinha foi identificado um fragmento de fuste em granito que, pelas suas características, pode ter pertencido a uma estrutura de origem romana. Para além deste elemento, fomos ainda informados de que aqui terão sido recolhidos vários pesos de tear, actualmente com paradeiro incerto. Nas paredes da estrutura habitacional deste monte podem ainda observar-se alguns componentes que terão sido reaproveitados para a construção das paredes, como fustes de coluna e mós, em granito. Considere-se ainda o interessante facto de que perto deste local deveria passar uma das vias romanas que serviria a cidade de *Ammaia*, sede de *civitas* (Carvalho, 2002:77).

Um dos sítios arqueológicos mais interessantes, identificado durante esta

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

fase da Carta Arqueológica de Nisa, é o Patalou (Figura 5). Trata-se de um terreno caracterizado por uma suave ondulação, onde sobressaem alguns



Figura 5. Vista da estação de superfície do Patalou.

relevos graníticos. É marcado pela presença de pequenas linhas de água que desaguam na Ribeira de Nisa. Este curso de água faz a divisão entre o

concelho de Nisa e o concelho de Castelo de Vide, sendo que na margem oposta se encontra já a freguesia de Póvoa e Meadas. À superfície, numa enorme área de terreno, encontra-se uma mancha de materiais arqueológicos dispersos que variam quanto à sua cronologia. De facto, podem aqui encontrar-se artefactos líticos parcamente afeiçoados que remetem para períodos pré-históricos, mas também inúmeros fragmentos cerâmicos que apontam para uma cronologia Romana, Medieval e Moderna. Deste local conhecem-se também outros elementos de diferentes matérias-primas, nomeadamente metálicos que indiciam, inclusivamente, uma ocupação Visigótica. Relativamente ao período de ocupação da Alta Idade Média destacam-se os diversos e notáveis artefactos relacionados com o vestuário e aplicação de indumentária, que foram já convenientemente estudados (Arezes, 2010-2011). Os artigos visados são sobretudo placas de cinturão de tipologia liriforme, que Andreia Arezes (2010; 2010-2011) coloca nos séculos VII e VIII, referindo uma influência bizantina dos mesmos. Muito evidente neste terreno é também a ocupação romana, atestada pelos diversos achados cerâmicos à superfície que vão variando desde os diversos materiais de construção como *tegulae*, *imbrices* e *opus signinum*, às cerâmicas finas de utilização doméstica. Para este local conhecem-se outros tipos de registos arqueológico que se encontram actualmente na

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

posse de particulares e que incluem moedas romanas, fíbulas, pesos de chumbo, pratos metálicos e armelas de sítula, que tivemos a oportunidade de observar (Figuras 6 e 7).

Este terreno encontra-se actualmente votado à pastorícia, mas informações orais dão conta do surgimento de sepulturas, descobertas aquando da prática de trabalhos agrícolas, sobre as quais não restam dados muito concretos. Refere-se o aparecimento de um capacete e espada, desconhecendo-se contudo o seu paradeiro. Não obstante, será também importante referir que nas imediações existem também algumas sepulturas escavadas na rocha.

Ainda na freguesia de Espírito Santo, no lugar de São Gens, se encontra uma grande área com vasta dispersão de materiais, composta essencialmente por *tegulae* e *imbrices*, denunciando a passagem romana (Figura 8). Existem também outras características peculiares no local, como um grande bloco de granito de função desconhecida mas nitidamente antropizado. Diz-nos a tradição oral que aqui foram encontradas várias moedas romanas, das quais actualmente se desconhece o paradeiro, bem como um soldo de Atanagildo, que reinou entre 554 e 567 (Almeida, 1977:384). À semelhança do Patalou também em S. Gens foram identificadas sepulturas escavadas na rocha e antas, sendo uma delas a Anta da Vila de Nisa, classificada como Monumento Nacional.



Figura 6. Prato metálico com decoração, proveniente da estação de superfície do Patalou. Encontra-se à guarda do Sr. João Francisco Lopes.

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

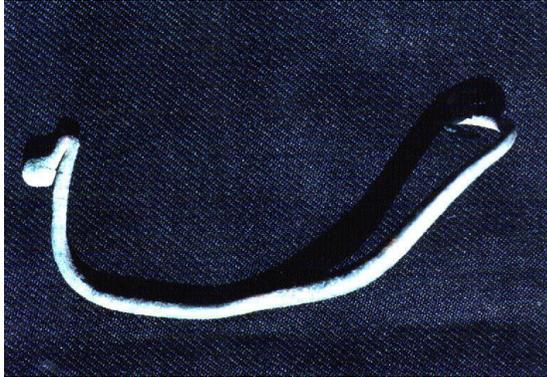


Figura 7. Fíbula encontrada da estação de superfície do Patalou. Encontra-se à guarda do Sr. João Francisco Lopes que gentilmente nos cedeu a fotografia (sem escala).



Figura 8. Sítula de caldeirão proveniente da estação de superfície do Tapadão de São Gens, actualmente à guarda do Sr. Francisco Lopes que nos cedeu a fotografia (sem escala).

Mas os indícios romanos continuam a dispersar-se pelo concelho, existindo outros locais onde estes são também abundantes e muito evidentes. Assim, refira-se a Tapada Nova (freguesia de Espírito Santo) onde à superfície, à semelhança de outros sítios, se observam (Figura 9) vários fragmentos cerâmicos de utilização doméstica de pastas finas e grosseiras, bem como de construção (*tegulae, imbrices*).



Figura 9. Materiais arqueológicos cerâmicos recolhidos na estação de superfície da Tapada Nova. Encontram-se à guarda do Sr. João Francisco Lopes.

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

Neste sítio regista-se a particularidade de juntamente com os materiais arqueológicos que se encontram à superfície, se observar um grande número de cristais de quartzo e seixos, sendo que não existe nenhuma linha de água nas imediações. A população local afirma que os cristais de quartzo deverão ser provenientes do Poço da Lança, anteriormente referido neste texto, e onde se crê ter existido uma exploração mineira durante o período romano, de acordo com a versão de 1992 do Plano Director Municipal.

De uma forma geral, devido aos materiais que surgem à superfície nos sítios romanos identificados até à data, pode dizer-se que estes locais se prendem com a eventual existência de estruturas, onde foram utilizados os materiais de construção cujos vestígios nos chegam até aos dias de hoje. Ainda que o mundo dos vivos nos pareça bem representado em Nisa, através dos diversos sítios já mencionados e outros, não podemos esquecer que a morte e os rituais que envolvem a vida depois da morte eram também uma parte importante do quotidiano das populações romanas. Em Nisa conhece-se apenas um sítio onde terá sido identificada uma necrópole do período em questão. Trata-se da Tapada da Dona Mariana. O local já é conhecido há muito, sendo visíveis os vestígios arqueológicos. Assim, observa-se desde logo aquilo que aparenta ser a caixa de uma sepultura, constituída por blocos de granito. Na década de 1930 foram retirados do seu interior dois

recipientes cerâmicos (uma garrafa e uma bilha) aparentemente de cronologia romana, que foram alvo de estudo detalhado. Através de analogias com outros artefactos semelhantes, os seus autores situam cronologicamente este enterramento entre os séc. I e II d.C. (Salvado e Carvalho, 1987). Os artefactos encontram-se actualmente armazenados no Museu Tavares Proença Júnior em Castelo Branco. É provável que à semelhança desta sepultura existam outras ainda enterradas e que aguardam um estudo sistemático, mais especializado, com recurso a escavação arqueológica que possa trazer à luz dados mais completos sobre as tradições e cuidados dos mortos durante o período romano, no concelho de Nisa. Para além da conhecida sepultura, outros fragmentos cerâmicos se identificam à superfície, quer de construção, quer de uso doméstico.

Finalmente, no decurso da 2ª fase da Carta Arqueológica de Nisa foi ainda registado um interessante sítio arqueológico de período romano, atendendo aos vestígios que observados. Na Tapada da Fonte do Freixo (Figura 6) o terreno é relativamente pouco acidentado, destacando-se uma pequena elevação no topo da qual se concentram vários materiais à superfície. Alguns destes terão sofrido alguns fenómenos pós-deposicionais encontrando-se agora na base do promontório onde, segundo o proprietário do terreno, terá existido uma estrutura que fora destruída pela construção de um muro de

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

divisão de propriedade (Figura 10). Os materiais cerâmicos (Figura 11) que se observam à superfície são de construção mas também se encontram fragmentos de uso doméstico. As pastas são sobretudo de coloração alaranjada. Durante a prospeção foi aqui identificado um peso de tear.



Figura 10. Muro na estação de superfície da Tapa da Fonte do Freixo.



Figura 11. Estação de superfície da Tapada da Fonte do Freixo. Alguns materiais recolhidos pelo proprietário durante os trabalhos agrícolas.

Para além dos sítios arqueológicos identificados que revelam a existência de vários locais de fixação durante o período romano devido aos vestígios que apresentam, outros elementos foram registados que poderão estar relacionados com o período romano e que terão de ser contemplados neste

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

estudo. Assim chama-nos desde logo a atenção a Pedra da Escada (Figura 12), situada no pátio de uma escola em Nisa. Trata-se de um afloramento granítico de forma arredondada, no qual foram escavados quatro degraus, orientados para Este, que deveriam ter servido de acesso a qualquer estrutura ou pedestal. A face superior da rocha encontra-se ligeiramente



Figura 12. Vista da Pedra da Escada.

afeiçoada e observa-se ainda um rebordo trapezoidal que poderá indiciar a possível colocação de uma estrutura, talvez construída com materiais perecíveis como a madeira. Apenas através da observação e na ausência de outros elementos com os quais relacionar este achado isolado, não será possível colocá-lo peremptoriamente no período romano e o mais provável será tratar-se de um santuário em degraus da Idade do Ferro⁷. Contudo, assinalam-se algumas semelhanças deste sítio com elementos que surgem no Santuário de Panóias (Vale de Nogueiras, Vila Real), um dos centros de culto a Serápis conhecidos.

Deve ainda ter-se em consideração que, não muito longe da Pedra da Escada, aquando de uma empreitada de obras de construção surgiram, numa vala, duas colunas cilíndricas de mármore, com cerca de 1,60 metros. Uma delas foi recolhida e a outra terá sido enterrada novamente no próprio local do achado. A coluna resgatada encontra-se actualmente no jardim de um particular (Figura 13) e pelas suas características deverá pertencer a um edifício romano. Contudo a ausência de um acompanhamento arqueológico à data das obras e a falta de uma escavação adequada não permitem obter mais dados relativamente a este achado.

⁷ Informação pessoal de André Carneiro.

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto



Figura 13. Coluna de mármore reutilizada em jardim particular.

Mas nem só através de estruturas e materiais se faz o registo arqueológico da ocupação romana. De facto, deverão ser tidos em consideração outros importantes vestígios deixados pelas populações deste período e que nos ajudam a compreender os eixos de povoamento de então. Para além destes sítios de fixação que tivemos oportunidade de identificar e descrever sucintamente, deverão ainda ser referidas as vias conhecidas no concelho de Nisa. Como se sabe, o império romano tinha uma vasta e desenvolvida rede viária, composta por estradas que se dividiam em categorias consoante a sua importância, um pouco à semelhança do que encontramos actualmente.

4. Considerações finais

Tendo em consideração uma série de trabalhos já publicados por diversos autores, os achados fortuitos e outros resultantes de pequenos projectos de investigação que vão sendo levados a cabo no Nordeste Alentejano, parece-nos possível concluir que esta região do território nacional deverá ter sido alvo de uma ocupação sistemática durante o período romano. Aliado a este intenso povoamento, as condições paisagísticas da região em estudo reúnem o necessário para uma mediana a boa preservação dos sítios, resultando num elevado número de ocorrências que se dispersam pelos

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

vários concelhos.

Após a apresentação generalista dos sítios arqueológicos de ocupação romana identificados durante as campanhas de prospecção de 2008 é possível concluir que existe já um registo relativamente extensivo desta, embora se verifique a falta de um conhecimento aprofundado dos mesmos. Quer isto dizer que se conhece um elevado número de sítios arqueológicos cujos vestígios à superfície e achados esporádicos não deixam dúvida de que remontam ao período romano, mas que se desconhece a tipologia de sítios com que estamos a lidar, não sendo assim possível caracterizar de forma decisiva o tipo de povoamento verificado na região. O estudo do povoamento rural deveria então ter em consideração dois importantes aspectos que evoluíram de forma paralela. Por um lado, deveria considerar a evolução interna dos padrões de povoamento dos locais, contemplando os sítios de fixação e/ou habitacionais como as *villae*, *vici* e *castella*. Por outro lado, deveria ter em consideração a acção dinâmica das mudanças e das transformações de tipo aculturizador, como seja a introdução do cristianismo rural e as transformações que daí advieram durante os sécs. IV a VIII.

Assim, parece plausível considerar que uma grande parte dos sítios romanos identificados na região em questão se trata destes conjuntos rurais, entre os quais se destacam as *villae*. Estas representam uma unidade de

povoamento que durante um longo período de tempo terão sido um elemento fundamental e característico do mundo rural, nos diferentes âmbitos provinciais do império romano (Gorges, 1979; Lopez Quiroga e Rodriguez Martin, 2000-2001). Não obstante será necessário ressaltar que este é um conceito genérico e ambíguo que abarca uma complexa e variada realidade, fazendo referência a edificações de estruturas diversas e de funcionamento variado. Será provavelmente desajustado a uma realidade que é, acima de tudo, desigual e heterogénea, diferenciada no tamanho mas também nas inúmeras explorações de que uma região é alvo, bem como quanto à diferente função e intensidade do processo de romanização alicerçado num dado território.

Assim, compreende-se que as *villae* são conjuntos de povoamento com uma utilização alargada no espectro temporal, que pouco deverão ter mudado em termos de estrutura física, mas que podem ter sofrido alterações tanto na *pars* rústica como na *pars* urbana, ao longo do tempo. Estas alterações devem-se, sobretudo, a transformações de índole social mas também à alteração dos sistemas socioeconómicos que vigoram (Lopez Quiroga e Rodriguez Martin, 2000-2001).

Pela ambiguidade conceptual que o tema apresenta, optámos por não atribuir uma tipologia concreta aos sítios que foram identificados durante a

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

campanha de prospecção que aqui referimos, uma vez que não nos parece existir dados concretos para avançar hipóteses consistentes. Não obstante parece-nos provável que a relação de proximidade com a cidade de *Ammaia* e a riqueza aurífera do Tejo e alguns dos seus afluentes, terá propiciado um povoamento efectivo do espaço durante o período romano, provavelmente assente numa matriz de origem indígena, bem visível na onomástica presente nas epígrafes da região (Encarnação, 1998:20-21).

Agradecimentos

Ao Doutor André Carneiro, o nosso muito obrigado pela revisão do texto. Os seus comentários e sugestões sempre pertinentes e úteis durante a construção do texto. Agradecemos também a amizade e o constante incentivo.

Bibliografia

Alarcão, J. de (1989) *O Domínio Romano em Portugal*, Europa-América, Mem Martins.
Almeida, D. F. de (1977) *Notas sobre moedas Visigóticas II*, O Arqueólogo

Português, vol. VII-XIX, Lisboa, pp. 383-388.

Almeida, N.; Carvalho, V. e Aveleira, A. (2011) *Primeiros dados sobre a Pré-história antiga do Nordeste alentejano*. Arqueologia do Norte Alentejano – comunicações das 3^{as} Jornadas, Colibri, Lisboa, pp. 35-43.

Amaral, A. E. (1987) *O epitáfio de Tongeta Tulori (Nisa)*, Ficheiro Epigráfico, 23, n.º 107, Coimbra.

Azevedo, P. A. (1900) *Extractos archeologicos das “Memórias parochiaes de 1758”*, O Archeologo Português, vol. V, Lisboa, pp. 343-352.

Carneiro A. (2008) *Itinerários Romanos do Alentejo. Uma releitura de “As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio, de Mário Saa, cinquenta anos depois*. Ed. CCDRA, Lisboa.

Carvalho, J. (2002) *Ammaia e a sua Rede Viária, algumas propostas de trabalho*, Ibn Maruan, 12, Colibri, Marvão, pp. 69-83.

Carvalho, R. (1987) *Ara de Camira*, Ficheiro Epigráfico, 23, n.º 104, Coimbra.

Carvalho, R. (1987) *Ara achada em Nisa*, Ficheiro Epigráfico, 23, n.º 105, Coimbra.

Carvalho, R. (1987) *Ara votiva de Nossa Senhora dos Prazeres (Nisa)*, Ficheiro Epigráfico, 23, n.º 106, Coimbra.

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

Cebola, C. (2005) *Nisa – A outra história*, Colibri, Lisboa.

Curado, F. (1987) *Fragmento de ara de Nisa*, Ficheiro Epigráfico, 23, n.º 103, Coimbra.

Deprez, S.; Dapper, M. De; Almeida, N.; Paepe, P. De e Vermeulen, F. (2008) *A geoarchaeological study of the historical placer gold exploitation of the Tagus River terrace of the Conhal (Nisa, Northeastern Alentejo, Portugal)*, Archaeological Reports Ghent University (ARGU), Academia Press, Ghent.

Encarnação, J. d' (1984) *Inscrições Romanas do Conventus Pacencis*, Instituto de Arqueologia de Coimbra, Coimbra.

Encarnação, J. d' (1988) *Nisa ao tempo dos Romanos – A população e as suas crenças*, Câmara Municipal de Nisa, Coimbra.

Encarnação, J. d' (1991): *O nordeste alentejano ao tempo dos Romanos – balanço e perspectivas da investigação*, Conimbriga, vol. XXX, Coimbra, pp. 23-37.

Figueiredo, J.F. (1989) *Monografia da Notável Vila de Nisa*, Ed. fac-similada da edição de 1956, Casa da Moeda, Lisboa.

Gorges, J. G. (1979) *Les villas hispano-romaines: inventaire et problématiques*, Boccard.

Henriques, F. e Caninas, J. (1980) *Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (1)*, Preservação, 3, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Henriques, F. e Caninas, J. (1981) *Uma nova divindade indígena – Quangeius Tanngus – Notícia da descoberta (Salavessa, Nisa)*, Reconquista, Castelo Branco.

Henriques, F. e Caninas, J. (1986), *Nova contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2)*, Preservação, 7, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Lopez Quiroga; Rodriguez Martin (2000-2001) *El “final” de las villae en Hispânia. La transformación de las pars urbanas de las villae durante la Antigüedad Tardía*, Portugália, Nova Série, Vol. XXI-XXII.

Maia, M. e Maia, M. (1997) *Lucernas de Santa Bárbara*, Ed. Cortiçol, Castro Verde.

Motta e Moura, J. (1982) *Memória Histórica da Notável Vila de Nisa*, Ed. fac-similada da edição de 1877, Casa da Moeda, Lisboa.

Murta, J. (1987) *Inscrições Romanas do Concelho de Nisa: novos achados. Actas do 1º Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre*,

A PRESENÇA ROMANA NO CONCELHO DE NISA

Joana Valdez-Tullet, João Nisa & Filipa Pinto

Portalegre.

Oliveira J. de (1991) *A Anta da Nave do Padre Santo – Nisa, Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

Oliveira J. de e Murta, J. D. (1995) *Povoado de Nossa Senhora da Graça de Nisa – Relatório de Escavação*, Edição Policopiada, disponível em http://www.cm-nisa.pt/site_biblioteca/historialocal/historia/relatoriodeescavacao.pdf

Oliveira J. de (2000) *O megalitismo de xisto da Bacia do Sever (Montalvão-Cedillo). Muitas antas, pouca gente? – Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, Lisboa.

Oliveira J. de; Ribeiro, M. e Pinto, M. (2011) *Carta Arqueológica de Nisa – 1.ª Fase (Revisão do PDM)*, in *Arqueologia do Norte Alentejano – comunicações das 3ªs Jornadas*, Colibri, Lisboa, pp. 333-349.

Salvado, P. e Carvalho, R. (1987) *Dois vasos de cerâmica comum de uma necrópole no concelho de Nisa*, Separata de Trabalhos de Antropologia e Etnologia, XXVII, Fasc. 1-4.

Valdez, J.; Pinto, F; Nisa, J.; Santos, H.; (2012). *Carta Arqueológica de Nisa. O exemplo de Nisa e alguns resultados (Fasell)*. Almadán, nº17. Almada,

pp. 106-116.

Vasconcellos, J. L. de (1922) *Notícias arqueológicas do Alto-Alentejo*, O Archeologo Português, vol. XXV, Lisboa, pp. 118-123.

Vasconcellos, J. L. de (1931) *Antiguidades Alentejanas*, O Archeologo Português, vol. XXIX, Lisboa, pp. 173-185.